

Ana Cláudia Boavida Salgueiro da Silva

Universidade de Évora

A cidade como espaço austeniano e dinisiano de encontros e reencontros

Introdução

Pretendendo confirmar a relevância dos estudos literários no sentido em que os mesmos constituem testemunhos de uma época, de um país ou de um indivíduo, dada a relação próxima entre literatura e sociedade, a nossa escolha recai sobre a representação da cidade como espaço de encontros e de reencontros nos romances oitocentistas de Jane Austen (1775-1817) e de Júlio Dinis (1839-1871).

Enquadramento histórico-literário

Jane Austen e Júlio Dinis escolhem a cidade como cenário, respetivamente, de *Sense and Sensibility* (1811) e de *Uma Família Inglesa* (1868), testemunhando a conjuntura das épocas em que vivem: o período de regência inglês (1811-1820) e a era da Regeneração portuguesa (1851-1868), que marcam, de forma profunda, a vida individual e coletiva da sociedade, não só em Inglaterra, mas também em Portugal.

Decorrentes das transformações sucedidas a partir da Revolução Industrial, que surge por volta de 1750 em Inglaterra, operam-se alterações a todos os níveis, ressaltando a deslocação das populações para os meios urbanos na procura de emprego e a construção de fábricas, o que resulta numa alteração da fisionomia dos centros nevrálgicos do mundo ocidental moderno que são, naturalmente, as cidades. As modificações advenientes dessas mudanças são estimuladas

principalmente durante o século XIX, proporcionando a implementação de novos hábitos, ideias e informações, o que conduz a que um número elevado de pessoas, designadamente das cidades, se comece a interessar pelos acontecimentos do mundo em que vive, promovendo-se, deste modo, o desenvolvimento do gosto pela leitura de jornais, pelo teatro e pelo romance, este último conquistando um vasto público-leitor.

Na verdade, este género literário, “[...] de larga projecção cultural, fruto de uma popularidade e de uma atenção por parte dos seus cultores que, sobretudo a partir do século XVIII, fez dele decerto o mais importante dos géneros literários modernos [...]”¹, torna-se o meio privilegiado da descrição das repercussões que a Revolução Industrial tem na construção da cidade, cuja imagem é, progressivamente, modificada, tornando-se cenário singular de diferentes obras, onde surge como registo de contextos histórico-sociais e como espaço promotor da criação de enredos.

Com efeito, valorizando o género literário de prestígio do século XIX – o romance, Jane Austen e Júlio Dinis transpõem para a ficção aspetos relevantes da vida real, atribuindo ao meio citadino um papel de destaque como ambiente propício à revelação de segredos e à realização de experiências vivenciais, cruciais para o desenvolvimento da ação, baseada em factos verosímeis e, portanto, identificáveis com a realidade.

Ao recriar padrões e vivências, a produção romanesca destes escritores privilegia, assim, a representação das seguintes cidades:

– Londres, centro da primeira potência comercial e industrial do mundo (a Inglaterra como *oficina* do mundo), é o local, por excelência, dos negócios, do divertimento e das revelações, constituindo ponto de viragem na ação das narrativas austenianas, nomeadamente, em *Sense and Sensibility*²;

¹ Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, *Dicionário de Narratologia* (Coimbra: Almedina, 2011), p. 356.

² Obras austenianas: *Juvenilia* (1787-1793); *Lady Susan* (1793-1795); *The Watsons* (1804); *Sense and Sensibility* (1811); *Pride and Prejudice* (1813); *Mansfield Park* (1814); *Emma* (1815); *Sanditon* (1817); *Persuasion* (1818); *Northanger Abbey* (1818).

– Porto, a *cidade invicta*, que dá nome a Portugal (*Portus Cale*), é descrito como o espaço simbólico das vivências das personagens, inscritas na realidade oitocentista do país, marcada pelas facetas burguesa e romântica, expressas designadamente no romance dinisiano *Uma Família Inglesa*³.

Reproduzindo um estilo original, a produção literária dos dois romancistas representa, não só a contemporaneidade de cada país, mas também as relações que se estabelecem entre os indivíduos, principalmente relações de amizade, familiares e conjugais, inscritas no ambiente doméstico, por sua vez ajustado ao meio físico em que a ação dos romances decorre, completando a unidade de cada uma das narrativas.

Sense and Sensibility

Sense and Sensibility é o título do primeiro romance publicado por Jane Austen em 1811, cuja primeira versão, intitulada *Elinor and Marianne*, é datada de 1795. Baseado na história de vida de duas irmãs – Elinor e Marianne Dashwood –, pertencentes à pequena burguesia inglesa da época, o romance apresenta os amores e as desilusões das duas personagens principais.

Traçando, em síntese, as características que descrevem ambas as personagens, podemos associar Elinor, a filha mais velha do casal Dashwood, ao bom senso, adveniente do equilíbrio entre razão e sentimento, enquanto Marianne, mais nova do que Elinor, representa a emoção e o sentimentalismo, características indicadas pelo próprio título, que prefigura as personalidades das duas irmãs.

Elinor é cautelosa e objetiva, revelando-se comedida na expressão dos seus sentimentos. Orientada por regras bem definidas e estruturadas, nela sobressai o sentido prático da domesticidade, destacando-se a formalidade e a rigidez de comportamento.

³ Obras dinisianas: *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867); *Uma Família Inglesa* (1868); *A Morgadinha dos Canaviais* (1868); *Serões da Província* (1870); *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871); *Poesias* (1874); *Inéditos e Esparsos* (1910); *Teatro Inédito* (1946-1947).

Por contraste, Marianne é uma jovem que vive intensamente a vida numa explosão de sentimentos, espontânea e partilhada com todos os que a rodeiam e que se deixa reger pelas emoções, sobressaindo, nesta personagem, uma profunda manifestação da sensibilidade e uma intensa envolvência com a literatura.

Se, numa primeira fase, associamos sensibilidade a Marianne e sensatez a Elinor, verificamos que, ao longo da intriga, existe uma modificação na personalidade das protagonistas, expressa principalmente na sua atitude face à felicidade e que resulta da mudança de espaço que se efetua na narrativa.

A saída de Norland Park para Barton Park por parte da família Dashwood marca de forma decisiva o enredo do romance, visto que a mudança de localidade constitui um ponto de viragem na ação: é fora do seu antigo ambiente familiar que Marianne encontra um amor que não se realiza devido ao desejo de enriquecimento por parte da personagem masculina, assim como toma consciência de que é necessário um equilíbrio entre sentimentos e sensatez, servindo também este novo espaço para a descoberta de uma nova paixão. É igualmente neste novo local que Elinor consolida o sentimento que nutre pelo seu futuro par.

De facto, as personagens modificam as suas condutas aquando da deslocação para outro local, o que torna o espaço um elemento essencial de caracterização, sendo que a partida para Barton Park conduz as personagens principais

[...] a um novo ambiente e a novas relações narráveis, mas ao mesmo tempo ocasiona e perspectiva respostas diferenciadas e caracterizadoras de diversas personagens a aspectos e facetas variados da própria partida e torna esta significativa em termos humanos [...]⁴.

Em oposição ao ambiente campestre, caracterizado pelo bem-estar, surge a cidade de Londres, espaço dos negócios, das festas musicais, mas também das desilusões. Elinor e Marianne são convidadas para passarem a estação de Inverno na capital, o que, inicialmente, não agrada a Elinor, mas que esta acaba por aceitar devido à interferência da mãe:

⁴ Álvaro Pina, *Jane Austen* (Lisboa: Colibri, 1994), p. 92.

“[...] It is very right that you *should* go to town; I would have every young woman of your condition in life, acquainted with the manners and amusements of London [...]”⁵.

A ida para Londres constitui a parte fundamental do romance, porque é neste espaço que Marianne é confrontada com a indiferença de John Willoughby, o protótipo do herói romântico, belo, educado, com bom gosto e conhecedor de poesia e de arte, que, no entanto, não responde aos bilhetes da jovem. Marianne descobre que o mesmo a trocara por uma mulher mais rica (Sophia Grey), o que desencadeia na protagonista uma profunda depressão, resultante da sua excessiva sensibilidade.

É na cidade que Elinor fica a saber de um antigo relacionamento de Willoughby com Eliza, uma protegida do coronel Brandon, futuro marido de Marianne, sendo também em Londres que Elinor toma conhecimento da relação secreta entre Lucy Steele e Edward Ferrars, um rapaz simples, bem informado e de gosto requintado, relação essa que surge como obstáculo ao seu ideal de casamento com o jovem.

Efetivamente, na capital inglesa, Elinor e Marianne têm oportunidade de alargar o seu conhecimento sobre o mundo, diferente do ambiente em que habitualmente vivem – o meio rural –, podendo conhecer novas realidades. A viagem à capital constitui também uma oportunidade de as jovens procurarem o seu amor; todavia, é no espaço citadino que ambas ficam a saber da existência de mulheres rivais, que desafiam a sua felicidade:

[...] In all the embarrassments and worries of the London visit, the reader’s developing knowledge of the sisters is based on a substructure which demands that the adjudicate between them. And they leave London, as they entered it, still similarly placed, travelling towards the county, Somerset, where each believes her lover to be setting up house with his bride [...]”⁶.

⁵ Tradução da autora do ensaio: “[...] É verdade que *devem* ir para a cidade; penso que todas as jovens da vossa idade e condição devem ver o ambiente e os divertimentos de Londres [...]” Jane Austen, *Sense and Sensibility* (London: Penguin Books, 1995), p. 131.

⁶ Tradução da autora do ensaio: “[...] Com todos os constrangimentos e preocupações que envolvem a visita a Londres, o leitor verifica que o conhecimento das irmãs

Na verdade, Jane Austen é bastante meticulosa na elaboração deste romance, dividindo-o em três partes que correspondem respetivamente à mudança de espaço: primeiramente, a ação está concentrada nas propriedades rurais; em segundo lugar, Londres é o local escolhido para as revelações; por último, a intriga centra-se de novo na zona campestre, sendo este último espaço que marca a transição entre o espaço urbano da capital e o meio rural. No meio rural, Marianne recupera da depressão (Cleveland), passando, posteriormente, para o local de refúgio (Delaford), cujo ambiente é conducente à vivência plena do amor consubstanciado no casamento, pelo que esta mudança se efetua, tanto a nível de deslocação física como no plano comportamental e emocional de cada personagem feminina: “[...] Delaford is a nice place, [...]; exactly what I call a nice old fashioned place, full of comforts and conveniences [...]”⁷.

Destacamos igualmente o facto de as duas irmãs se situarem na periferia das personagens que se deslocam entre Londres e Devonshire, as quais se revelam dependentes de relações com indivíduos possuidores de riqueza, construindo o círculo restrito da alta sociedade, situação que, todavia, não afeta Elinor nem Marianne: “[...] In the country, an unpremeditated dance was very allowable; but in London, where the reputation of elegance was more important and less easily attained, it was risking too much [...]”⁸.

De facto, a mudança de espaço por parte das duas irmãs do meio rural para o meio urbano não provoca nas personagens principais uma perda de cultura ou de educação. Pelo contrário, possibilita-lhes alterar

se baseia no fundamento que exige um julgamento entre os seus pares. E elas deixam Londres, como entraram, mantendo a sua conduta, viajando para a região de Somerset, onde cada uma acredita que o amor pode ser construído com o seu noivo [...].” Marilyn Butler, *Jane Austen and the War of Ideas* (Oxford: Oxford University Press, 1975), p. 184.

⁷ Tradução da autora do ensaio: “[...] Delaford é um lugar bonito [...]; é exatamente o que eu chamo um lugar bonito e antigo, cheio de conforto e de comodidades [...].” Jane Austen, *Sense and Sensibility* (London: Penguin Books, 1995), p. 166.

⁸ Tradução da autora do ensaio: “[...] No campo, um baile inesperado era muito aceitável; mas em Londres, onde a reputação de elegância era mais importante e mais difícil de alcançar, era arriscar de mais [...].” Jane Austen, *Sense and Sensibility* (London: Penguin Books, 1995), p. 144.

alguns aspetos da sua personalidade, tornando-as mais determinadas e mais convictas, dado que podem aperceber-se de que, na vida, é necessário possuir simultaneamente sensibilidade e sensatez, para que se possa viver em harmonia consigo próprio e com os outros. Por isso, a romancista delinea este romance com uma vertente didática, como pressuposto fundamental da obra, a qual assenta na oposição de vivências entre comportamentos corretos e incorretos, visando dar a conhecer o modo *como viver*.

É curioso o facto de Londres constituir uma cidade praticamente desconhecida por Jane Austen, porquanto, tendo nascido no seio de uma família da burguesia agrária, a visita a este local tornava-se muito dispendiosa e, portanto, escassa, pelo que os romances austenianos se centram, particularmente, no ambiente em que a autora vive e que conhece mais detalhadamente – o espaço campestre.

A capital inglesa surge, por conseguinte, pouco descrita, mas a referência a este local e a passagem que é feita para o espaço urbano marcam decisivamente o desenrolar da intriga, provocando acentuadas mutações na construção da identidade das personagens principais, que reconhecem as suas fragilidades e que, face ao erro, são capazes de lutar pela conquista da sua felicidade.

Tida como a metrópole imperial de uma Inglaterra orgulhosa, aliada aos símbolos do poder e da cultura e frequentemente associada ao lazer – “[...] In Bond-street especially, where much of their business lay [...]”⁹ –, a cidade de Londres aparece, paradoxalmente, em *Sense and Sensibility* como o local do desencanto: “[...] – Do you like London? said Edward [...]. – Not at all. I expected much pleasure in it, but I have found none [answered Marianne] [...]”¹⁰. Citamos outro exemplo:

⁹ Tradução da autora do ensaio: “[...] Especialmente em Bond Street, onde muitas das suas compras se fizeram [...]” Jane Austen, *Sense and Sensibility* (London: Penguin Books, 1995), p. 138.

¹⁰ Tradução da autora do ensaio: “[...] – Gostas de Londres? – perguntou Edward [...]. – Nada. Esperava encontrar aqui muita alegria, mas não encontrei nenhuma [respondeu Marianne] [...]” Jane Austen, *Sense and Sensibility* (London: Penguin Books, 1995), p. 205.

[...] The Miss Dashwoods had now been rather more than two months in town, and Marianne's impatience to be gone increased every day. She sighed for the air, the liberty, the quiet, of the country; and fancied that if any place could give her ease, Barton must do it. Elinor was hardly less anxious than herself for their removal, and only so much less bent on its being effected immediately, as that she was conscious of the difficulties of so long a journey [...] ¹¹.

Promovendo a descoberta e a revelação de factos fundamentais para a ação, a viagem àquela cidade proporciona a regeneração de caracteres através da construção gradual das identidades de Marianne e de Elinor, que conseguem conciliar de forma equilibrada os conceitos subjacentes à diegese do romance e que são, afinal, a sensibilidade e o bom senso.

Com *Sense and Sensibility*, Jane Austen encontra, na verdade, “[...] o seu rumo, descobre o seu método, cria o seu estilo e desenvolve a sua arte [...] ¹²,” representando a experiência humana numa sociedade onde as tensões e os desafios são variados, contemplando, sobretudo, a educação das personagens, o que torna esta obra “[...] um bom romance inglês – pela criatividade, pela disciplina, pelas novas possibilidades abertas para a arte do romance, pelas novas possibilidades abertas para uma inteligência humana da vida ¹³”.

Uma Família Inglesa

No que diz respeito ao romance *Uma Família Inglesa*, escrito por Júlio Dinis e cuja publicação é datada de 1868, podemos referir que, à semelhança do que sucede com o romance austeniano, este também é o primeiro a ser redigido pelo romancista (1862), como exercício de estilo

¹¹ Tradução da autora do ensaio: “[...] As Miss Dashwood já estavam há mais de dois meses na cidade e a impaciência de Marianne pela partida aumentava todos os dias. Suspirava pelo ar, pela liberdade, pela calma do campo, acreditando que se algum lugar lhe podia dar sossego, esse lugar era Barton. Elinor estava quase tão ansiosa como ela, apenas se sentia menos propensa para que a partida se verificasse imediatamente, porque estava consciente das dificuldades de uma viagem tão longa [...]” Jane Austen, *Sense and Sensibility* (London: Penguin Books, 1995), p. 236.

¹² Álvaro Pina, *Jane Austen* (Lisboa: Colibri, 1994), p. 91.

¹³ Álvaro Pina, *Jane Austen* (Lisboa: Colibri, 1994), p. 106.

sobre a narrativa, tendo sido publicado posteriormente ao romance *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867).

Inicialmente intitulado *Uma Família de Ingleses*, o romance tem como subtítulo *Cenas da Vida do Porto*, o que pressupõe a criação de uma série de personagens, de situações e de retratos representativos da realidade do meio citadino e burguês em que Júlio Dinis vive e que conhece particularmente – a cidade do Porto. Neste aspeto, o contraste entre a escritora britânica e o escritor português é evidente, porquanto Júlio Dinis representa pormenorizadamente a sua cidade natal enquanto Jane Austen desconhece praticamente a capital inglesa, centrando fundamentalmente a ação do seu romance no ambiente rural, que conhece de forma detalhada.

Uma Família Inglesa constitui o único romance urbano elaborado por Júlio Dinis, que recorre, deste modo, a pequenos episódios da vida portuense, acrescentando-lhes o fio amoroso, o qual surge entrelaçado “[...] nos vários capítulos desta singelíssima história, em cujo decurso, desde já, o declaramos, para não alimentar ilusórias esperanças, a acção prossegue desimpedida de complicadas peripécias [...]”¹⁴.

Com efeito, pretende o autor narrar uma intriga simples, desafetada de fantasias, baseada na realidade e na representação de personagens inseridas nos respetivos ambientes, pelo que *Uma Família Inglesa* se centra nas características particulares da cidade do Porto, marcada pelas diversidades que nela estão presentes, como é o caso da divisão geográfica decorrente das diferentes fisionomias distintivas daquela localidade: região oriental, região central e região ocidental. Esta separação do espaço acentua, por um lado, a heterogeneidade de habitantes da cidade invicta, a qual pode ser igualmente confirmada na diferenciação de estratos sociais, representados num dos episódios do romance e que se concentra no jantar no restaurante *Águia de Ouro*; por outro lado, esta divisão representa também a peculiaridade de cada uma das regiões.

Assim, a primeira região é dominada pelos *brasileiros*, emigrantes portugueses que, com o intuito de se estabelecer ou de procurar riqueza noutros países, nomeadamente, no Brasil, regressam endinheirados,

¹⁴ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 603.

exteriorizando as suas fortunas através da construção de residências bastante adornadas, onde predominam as varandas azuis e douradas, a utilização do azulejo e os jardins enfeitados com estatuetas.

Já a região central é a típica portuense, onde “[...] há ainda [...] muitos ares do velho burgo do Bispo, não obstante as aparências modernas que revestiu [...]”¹⁵,” sobressaindo as lojas, os balcões e os escritórios, caracterizada pelas “[...] crueldades arquitectónicas [...]”¹⁶,” pelas extensas varandas e pelas ruas estreitas, vigiadas pelos polícias da cidade, distinguindo-se da primeira região pela existência de locais marcados pelo labor comercial, administrativo, entre outros serviços, e onde se concentra a maior parte da população.

A região ocidental constitui o espaço de habitação dos ingleses, onde se pode presenciar uma arquitetura despreziosa, mas elegante, onde se experimenta uma vivência mais recolhida e, por conseguinte, mais íntima, expressa na configuração das portas fechadas, das chaminés a fumar e dos peitoris das casas, que, segundo o narrador, são mais discretos do que as varandas extensas e coloridas das habitações existentes nos outros locais da cidade. Este detalhe é bastante curioso, pois permite aos leitores caracterizar positivamente os habitantes desta última região, destacando-se a discrição como elemento fundamental dos seus caracteres.

É na zona ocidental, precisamente no bairro de Cedofeita, que habita a família Whitestone, numa residência onde predomina a comodidade e o conforto, exigidos pelo proprietário Mr. Richard, um negociante rico, de génio empreendedor e cuja fortuna resulta da solidez em que fundamenta os seus negócios. Súdito da rainha Vitória, instala-se na cidade do Porto para exercer a atividade comercial, onde adquire lucro e fama, não havendo “[...] nenhum mais benquisto e mais obsequiado, e [onde] poucos se apontavam como mais fleumáticos e genuinamente ingleses [...]”¹⁷.

Esta personagem representa, com efeito, o típico inglês, de estilo imperturbável, que não se deixa envolver pelos elogios dos que o

¹⁵ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 621.

¹⁶ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 621.

¹⁷ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 591.

rodeiam e que se distingue pela impassibilidade e pela conduta regida pela razão. Conjugando a nível físico o tipo verdadeiramente britânico, Mr. Richard utiliza, a par de um vestuário elegante, um chapéu, que simboliza “[...] a índole industrial e fabril da famosa ilha, pois desperta lembranças das chaminés, que ouriçam o panorama das suas mais manufactureiras cidades [...]”¹⁸,” pormenor que aponta para o elevado índice de industrialização da Inglaterra. Este desenvolvimento começa a surgir progressivamente em Portugal no século XIX, não esquecendo Júlio Dinis de o evidenciar através do simbolismo que associa ao chapéu de Mr. Richard, o qual vive há mais de vinte anos no Porto, “[...] respirando [...] a atmosfera perfumada do nosso clima meridional, e, bebendo, em todo este tempo, da própria fonte o predilecto das mesas britânicas, o genuíno *Port wine* [...]”¹⁹.

Destacamos, desta citação, o elogio feito ao clima português, mas salientamos particularmente o facto de o vinho do Porto se tornar familiar entre os britânicos devido à vasta comercialização deste produto entre Portugal e a Inglaterra, o que favorece a economia e as relações entre os dois países, numa reciprocidade expressa igualmente na fixação de famílias inglesas na cidade portuense.

Estamos na época de ouro da colónia inglesa no Porto, cujo estabelecimento em terras portuguesas surge como fenómeno do progresso fomentado na era vitoriana e, principalmente, das notícias que chegam à ilha britânica sobre as mudanças políticas vigentes no período da Regeneração em Portugal. É, por conseguinte, neste clima favorável que se desenvolve o negócio do vinho do Porto, o qual resulta da implementação da “[...] política agrícola pombalina, que fomentou a cultura do vinho na região do Douro, criando condições de produção e de comércio que os ingleses, sobretudo durante a regência do Visconde de Beresford, se apressaram a aproveitar [...]”²⁰.

¹⁸ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), pp. 595-596.

¹⁹ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 596.

²⁰ Pinharanda Gomes, “Roberto Guilherme Woodhouse (1828-1876): Resposta aos Detractores e Mofadores da Religião e dos seus Ministros” (*Lusitania Sacra*, 1, http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4857/1/LS_S2_01_JPGomes.pdf, 1989), p. 149.

Mantendo-se inflexível nos seus costumes, Mr. Richard Whitestone estabelece-se na cidade do Porto com a família, composta pelos dois filhos: Jenny, que nasce em Inglaterra, e Carlos, já nascido em Portugal. Jenny é uma jovem esbelta, delicada e graciosa, descrita como o anjo familiar que assume a gestão do lar e que intervém na relação entre o pai e o irmão, marcada por alguma frieza e reserva. Por oposição, Carlos, cujo caráter se ressentia da dupla nacionalidade, personaliza, por um lado, o entusiasmo, a imaginação e a impetuosidade de sentimentos próprios das vivências portuguesas e, por outro, a força de vontade, a obstinação e a impassibilidade, que advêm do espírito inglês.

Tal como sucede em *Sense and Sensibility*, também neste romance o contraste de personalidades entre irmãos é enfatizado, destacando-se o facto de Jenny se revelar tolerante e sensata ao contrário de Carlos que apresenta caráter leviano e imprudente.

Carlos, no entanto, transforma-se, não só pela influência de Jenny, mas também pela ação de Cecília, por quem se apaixona. Filha de Manuel Quintino, o guarda-livros de Mr. Richard, Cecília representa o tipo “[...] genuinamente do Porto, cidade cujo principal título de glória é o ter, em épocas em que a nobreza era tudo, previsto que podia e devia prescindir dela para se engrandecer [...]”²¹, apresentando-se como uma jovem que não se deixa perder pela impulsividade ou pelo arrebatamento e que nutre um sentimento mais profundo relativamente a Carlos, cujo início ocorre num baile de máscaras.

Com efeito, o filho de Mr. Richard, tal como sucede com Marianne, modifica a sua conduta, empreendendo uma procura sistemática da jovem desconhecida que lhe causara tão agradável impressão naquele evento carnavalesco, dirigindo-se ao espaço rural que circunda a cidade do Porto. Este ambiente campestre promove a regeneração da personagem masculina, dado que, possuindo bons sentimentos e praticando ações nobres, apenas destabilizadas pelo artificialismo inerente à vida urbana, Carlos é capaz de, no seio de um ambiente tranquilo, refletir sobre os atos da juventude e sobre a ideia de um viver íntimo, promotor de felicidade.

²¹ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 680.

O espaço rural, representado neste romance, permite, assim, como em *Sense and Sensibility*, uma perceção clara dos sentimentos, proporcionando uma alteração na conduta dos protagonistas, que reconhecem os seus erros e que optam por uma existência mais feliz e equilibrada, ao contrário do que sucede no espaço citadino, impulsor de vícios e defeitos, que podem corromper os nobres valores de cada indivíduo.

A ação de *Uma Família Inglesa* situa-se em 1855, identificado como o ano das cheias no Douro. Vive-se, como referimos anteriormente, o ambiente carnavalesco na cidade do Porto, expresso nos teatros e nos salões de baile, caracterizados pela abundante animação que nesses espaços se experimenta, evidenciando-se o café *Águia de Ouro*, conhecido como

[...] a anciã das nossas casas de pasto, a velha confidente de quase todos os segredos políticos, particulares e artísticos desta terra; alguma coisa havia nessa modesta casa amarela do Largo da Batalha, que desviava para lá os olhares de quem passava [o evento refere-se ao jantar de rapazes] [...] ²².

À semelhança da narrativa austeniana, em que não é pormenorizada a cidade de Londres, o narrador dinisiano (não obstante o autor conhecer muito bem o Porto) também não dedica uma descrição detalhada a este local da cidade portuense por ser sobejamente conhecido dos leitores, estando subjacente o conceito de *comunidade conhecida* ao serem escolhidos espaços que o público-leitor reconhece, identificando ambientes, vivências, factos e intervenientes.

Na verdade, a história dos cafés existentes no Porto reflete a vida económica, social, cultural e artística da cidade, salientando-se as reuniões de políticos, de artistas e de escritores, cujas tertúlias promovem a formação de correntes políticas e estético-literárias, ressaltando deste conjunto o café referenciado por Júlio Dinis neste romance e comentado por Maria Teresa Costa do seguinte modo:

²² Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 604.

[...] Mas o café de renome do Porto de meados do século XIX foi, sem dúvida, o *Águia d'Ouro*. Abriu as portas em 1852. Por ele passaram as figuras mais relevantes do Porto nos domínios: . da política: Teófilo Braga [...]; . das artes e letras: Antero de Quental, Júlio Dinis, Camilo, [...]. Pode dizer-se que o *Águia d'Ouro* foi o Café-Memória da cidade. Júlio Dinis imortalizou-o em “*Uma Família Inglesa*” [...]”²³.

A par destas referências geográficas, salientamos ainda a alusão feita à “[...] Praça – nome que entre nós se dá ainda à Rua dos Ingleses, principal centro de transacções do alto comércio portuense [...]”²⁴,” onde se situa o escritório de Mr. Richard, sendo explicitado o movimento patente naquele local às duas horas da tarde: a praça está repleta de diretores de bancos ou companhias comerciais, de acionistas e de negociantes, os quais discutem os seus negócios, evidenciando-se a artificialidade e os interesses, que movem muitos destes participantes da vida comercial.

É igualmente feita referência à Foz, zona eleita pelos ingleses, para onde Jenny convida Cecília a um passeio, com o objetivo de trocaram confidências e desabafos. Outros locais mencionados e que se conhecem numa travessia pela cidade são os que compõem o habitual itinerário escolhido por Manuel Quintino, o qual “[...] atravessava a cidade até à ribeira; seguia depois, pela margem direita do rio, até Campanhã; chegado ao Esteiro, tomava pela estrada de cima, que o levava ao jardim de S. Lázaro, e enfim recolhia-se a casa [...]”²⁵”.

Representando uma história amorosa, consubstanciada no casamento, que promove a felicidade doméstica e que comprova a possibilidade de um relacionamento mais próximo entre famílias inglesas e portuguesas, o romance *Uma Família Inglesa* descreve, através do estudo de uma família de ingleses, a vivência da colónia britânica em Portugal, nomeadamente na cidade do Porto, a qual lega marcas indeléveis na atividade comercial, nos hábitos e nas experiências vivenciadas neste espaço urbano.

²³ Maria Teresa Costa, *Os Cafés do Porto* (<http://www.apha.pt/boletim/boletim2/pdf/CafesDoPorto.pdf>, s/d), p. 4.

²⁴ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 592.

²⁵ Júlio Dinis, *Obras de Júlio Dinis* (Porto: Lello & Irmão Editores, vol. 1, s/d), p. 759.

Conclusões

Escolhendo, como cenário dos romances *Sense and Sensibility* e *Uma Família Inglesa*, as cidades de Londres – “[...] uma cidade imensamente grande [...]”²⁶ – e do Porto, que “[...] domina, até inícios da década de 1840, o parque industrial português [...]”²⁷, Jane Austen e Júlio Dinis conferem a estes dois ambientes um tratamento multifacetado, expresso na relevância que ambos os romances concedem à paisagem urbana, que adquire visualidade como meio físico cristalizador de momentos fulcrais para a diegese destas obras literárias.

Constituindo o espaço uma das mais importantes categorias da narrativa,

[...] não só pelas articulações funcionais que estabelece com as restantes categorias, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam [...], [integrando] [...] os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da acção e à movimentação das personagens [...]”²⁸,

torna-se evidente a importância da relação entre o espaço, as personagens e a intriga, relação que é realçada pelo género *romance*, porquanto a introdução dos intervenientes em determinado local permite a confluência de experiências de subjetividade e de alteridade, promotoras da construção das suas identidades, inscritas numa determinada realidade, representada ficcionalmente.

Assim, em oposição ao meio rural, que permite a reflexão e a autoanálise e onde são enaltecidos os valores inerentes ao indivíduo e às relações que o mesmo estabelece, é apresentado o espaço citadino, representativo do contexto da época em Inglaterra e em Portugal, destacando-se a cidade como lugar de descobertas e de revelações, singularizado em imagem literária de complementaridade e de

²⁶ Jorge de Sena, *Inglaterra Revisitada* (Lisboa: Edições 70, 1986), p. 37.

²⁷ Gaspar Martins Pereira, *Estruturas Familiares na Cidade do Porto em Meados do Século XIX: A Freguesia de Cedofeita* (Porto: Universidade do Porto, 1986), p. 267.

²⁸ Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, *Dicionário de Narratologia* (Coimbra: Almedina, 2011), p. 135.

consolidação de vivências individuais e sociais, recriadas nos romances destes autores.

Nestes espaços, transformados em importantes centros comerciais, políticos e financeiros, onde se cruzam relevantes mudanças conducentes a um evidente progresso nesses domínios, é igualmente fomentada uma crescente expansão urbana, a qual concede uma nova imagem a estas cidades burguesas, que se afirmam também como pólos da vida social, intelectual e cultural.

Similares na origem romana²⁹, Londres e Porto são, de facto, no século XIX, cidades modernizadas, que se distinguem pela movimentação de novas ideias, pelo conhecimento e pelo inegável empreendedorismo, elementos que, no seu conjunto, imprimem um espírito de prosperidade, característico de uma burguesia em ascensão, laboriosa e dinâmica, condições que conferem a estes centros urbanos uma função essencial na construção das narrativas austenianas e dinisianas.

Não obstante o facto de *Sense and Sensibility* dar primazia ao plácido e bucólico ambiente rural inglês, transmitindo o bem-estar e a felicidade alcançados naquele espaço, pois, naquela época, “[...] crescia o interesse pela calma patriarcal da vida campestre, pelas florestas e pelo isolamento lá ainda possível, em desfavor da artificialidade e das multidões dos meios urbanos [...]”³⁰, este romance não deixa de atribuir um papel de relevo à capital inglesa, não só devido à sua supremacia, mas também porque, nesse espaço, são criadas as situações favoráveis ao desenvolvimento da ação, nomeadamente, as revelações que são produzidas nesse local e que conduzem à alteração da conduta das personagens e do rumo da narrativa.

Por sua vez, *Uma Família Inglesa* percorre o Porto ao longo de um itinerário detalhado, representando o quotidiano de quem nele habita, enfatizando a cidade com as suas particularidades numa época assinalada pela estabilidade e pelo progresso, advenientes das mudanças que ocorrem na segunda metade do século XIX, período em

²⁹ *Londinium* (seguindo o rio – Tamisa); *Portus Cale* (Porto + Gaia – duas localidades na foz do rio Douro).

³⁰ Filipe Furtado, “A Era de Jane Austen”, Álvaro Pina, *Jane Austen* (Lisboa: Colibri, 1994), p. 30.

que o estrato social mais elevado do Porto é constituído por ingleses que desempenham, neste centro urbano, um papel fundamental, não só no âmbito cultural, como a nível social e económico, evidenciando-se o “[...] enquadramento da intriga amorosa (a cidade do Porto e arredores), cujas descrições servem para a ampliação da intriga em acção [...]”³¹.

Em conclusão, podemos referir que *Sense and Sensibility* e *Uma Família Inglesa* refletem sobre os caminhos sociais e culturais da sociedade ao mesmo tempo que analisam as reflexões e as reações do sujeito em consonância com o espaço que serve de cenário ao enredo destas produções literárias. Apresentando uma vertente coadunada com a realidade, o seu interesse centra-se no indivíduo comum e na vivência da sua individualidade, o que é claramente reconhecido pelos leitores que identificam personagens, épocas, factos e, particularmente, espaços por constituírem parte integrante do seu património cultural:

[...] Este[s] romance[s] [...] corresponde[m] a um momento em que a imaginação romanesca já não precisa de projectar-se em horizontes inverosímeis, historicamente distantes ou exóticos, e simplesmente se delicia com o que está ao nosso alcance [...]”³².

Este efeito resulta, por um lado, das descrições paisagísticas e, por outro lado, das referências a coordenadas geográficas mais precisas, descrevendo, por palavras, cidades onde a História deixou as suas marcas, as quais marcam também a História, surgindo configuradas em imagens que consolidam a relevância diegética destes romances, os quais representam as cidades como espaços que cristalizam encontros, desencontros e, fundamentalmente, reencontros cruciais para a criação da estética literária austeniana e dinisiana.

31 Helena Buescu, “Júlio Dinis: Uma obra”, Júlio Dinis, *Uma Família Inglesa* (Lisboa: Editorial Comunicação, 1985), p. 34.

32 Óscar Lopes, *Álbum de Família: Ensaio sobre Autores Portugueses do Século XIX* (Lisboa: Caminho, 1984), pp. 22-23.